



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS**

MIKAELE APARECIDA ARAÚJO

**O ENSINO DA ORALIDADE NA AULA DE PORTUGUÊS: REFLEXÕES DA
LÍNGUA FALADA EM UM LIVRO DIDÁTICO DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

CAMPINA GRANDE, PB

2023

MIKAELE APARECIDA ARAÚJO

**O ENSINO DA ORALIDADE NA AULA DE PORTUGUÊS: REFLEXÕES DA
LÍNGUA FALADA EM UM LIVRO DIDÁTICO DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Letras - Língua Portuguesa - da
Universidade Estadual da Paraíba
/Campus I, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciada em Letras.

Área de concentração: Oralidade.

Orientadora: Profa. Dra. Dalva Lobão Assis

CAMPINA GRANDE, PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663e Araujo, Mikaele Aparecida.

O ensino da oralidade na aula de português [manuscrito] : reflexões da língua falada em um livro didático do 1º ano do ensino médio / Mikaele Aparecida Araujo. - 2023.

26 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

*Orientação : Profa. Dra. Dalva Lobão Assis , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "

1. Oralidade. 2. Livro didático. 3. Ensino médio. 4. Ensino de português. I. Título

21. ed. CDD 372.6

MIKAELE APARECIDA ARAÚJO

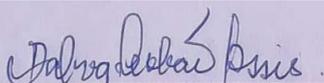
**O ENSINO DA ORALIDADE NA AULA DE PORTUGUÊS: REFLEXÕES DA
LÍNGUA FALADA EM UM LIVRO DIDÁTICO DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Letras - Língua Portuguesa - da
Universidade Estadual da Paraíba
/Campus I, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciada em Letras.

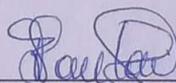
Área de concentração: Oralidade.

Aprovada em: 20 / 03 / 2023.

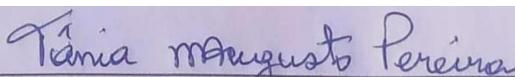
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dr. Dalva Lobão Assis (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Tatiana Fernandes Sant'ana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*A alegria deste momento, DEDICO à
minha avó, Inês da Silva Araújo, meu maior
exemplo!*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Capítulo 17 “Língua falada e língua escrita” – Pra começar	17
FIGURA 2: Capítulo 17 “Língua falada e língua escrita” – Tempo de planejamento	20
FIGURA 3: Capítulo 17 “Língua falada e língua escrita” – Modalidades complementares.....	21
FIGURA 4: “Bate papo de respeito”: Discussão	23
FIGURA 5: “Bate papo de respeito”: Conversação espontânea	24

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. NOÇÃO DE ORALIDADE	10
3. ORALIDADE E ENSINO: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS	12
4. ORALIDADE E LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA	15
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	16
5.1 Descrevendo o livro didático para análise.....	16
5.2 Os gêneros orais trabalhados no Livro Didático.....	17
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS.....	25

O ENSINO DA ORALIDADE NA AULA DE PORTUGUÊS: REFLEXÕES DA LÍNGUA FALADA EM UM LIVRO DIDÁTICO DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Mikaele Aparecida Araújo¹

Profa. Dra. Dalva Lobão Assis²

RESUMO

A presente pesquisa consiste na análise do Livro Didático de Língua Portuguesa: *Se liga nas linguagens: Português*, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, 2020 - 1º ano do Ensino Médio, especificamente, o capítulo 17, e algumas propostas de atividades. Optou-se pelo material didático, por ser um recurso pedagógico imprescindível e estar muito presente nas salas de aula. Diante da necessidade de inclusão da modalidade oral nas escolas, objetivou – se por analisar a prática da oralidade está sendo abordada no ensino, particularmente, no Livro Didático de Língua Portuguesa. Os objetivos específicos propostos foram elencados da seguinte forma: a) verificar se os gêneros orais formais são trabalhados no Livro Didático; b) observar a abordagem das propostas de atividades; c) refletir sobre as contribuições do Livro Didático para o desenvolvimento do ensino da modalidade oral nas aulas de Português. Como embasamento teórico, foram utilizados os estudos de Marcuschi (2007), Castilho (2000), Schneuwly e Dolz (2004), entre outros. O presente estudo consiste em um procedimento metodológico de natureza qualitativa. Do ponto de vista dos objetivos, contempla a pesquisa exploratória, com enfoque na pesquisa bibliográfica. Os resultados obtidos verificaram a pouca atenção dada a modalidade oral no ensino e a necessidade de abordagem da oralidade no Livro Didático em análise, no que concerne à presença de gêneros orais formais.

Palavras-chave: Oralidade. Ensino. Livro Didático.

ABSTRACT

This research consists of the analysis of the Portuguese didactic book: *Se liga nas linguagens: Português* by Wilton Ormundo and Cristiane Siniscalchi, 2020 - High School's first year, more specifically chapter 17, and some proposed activities. Didactic material was chosen because it is an essential pedagogical resource and is very present in classrooms. By observing a need to include the oral modality in schools this work aimed to analyze how the practice of orality has been approached in teaching, particularly in a Portuguese didactic manual. The proposed specific objectives can be listed as follows: a) to verify which oral genres are worked in the didactic book; b) to observe how these oral genres are explored in the activities proposed; c) to reflect on the contributions of didactic books for the development of oral teaching in Portuguese classes. As a theoretical basis, we used the studies of Marcuschi (2007), Castilho

¹ Graduada do curso superior de licenciatura em Línguas Português pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: mikaele.araujo@aluno.uepb.edu.br

² Professora orientadora. Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: dalvalobao@servidor.uepb.edu.br

(2000), Schneuwly e Dolz (2004), among others. This study has adopted the methodological procedure of qualitative nature; from the objectives' point of view, it contemplates exploratory research, focused on bibliographic research. The results obtained allow us to conclude that little attention is given to the oral modality in teaching and there is the need to orality's approach in the didactic book under analysis in what concerns the presence of formal oral genres.

Keywords: Orality. Teaching. Didactic Book.

1. INTRODUÇÃO

A língua é uma prática social, considerada uma atividade valiosa dos seres humanos, assim, ela “produz e organiza as formas de vida, as formas de ação e as formas de conhecimento” (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p.14). Dentro do mesmo sistema linguístico, existem maneiras de funcionamento da língua, a fala e a escrita, que podem influenciar mutuamente.

Do ponto de vista cronológico, a língua falada foi a primeira manifestação do homem, surgiu primeiro em relação à escrita, tendo em vista, que a criança ao frequentar o ambiente escolar já sabe falar, devendo ser respeitado seu uso. Pela perspectiva do prestígio social, o ensino da oralidade não é um eixo de prioridade, os docentes não trabalham suas especificidades, ocasionando um *déficit* na aprendizagem dos alunos, que demonstram dificuldades de se expressar oralmente em público e adequar sua fala aos diferentes usos de comunicação, sejam formais ou informais.

Lamentavelmente, é notória nas instituições escolares a ausência de atividades relacionadas à oralidade de forma didática, principalmente no Ensino Médio, em que o ensino de linguagens dá mais ênfase à produção textual escrita, exigida nos exames, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), para ingresso em cursos superiores nas universidades. Desta maneira, parece haver uma ideia de que a modalidade oral já faz parte da vida pessoal e não precisa ser trabalhada em sala de aula.

Nessa perspectiva, por ser um objeto de estudo pouco desenvolvido na instituição escolar, surgiu a questão problema: como a oralidade está sendo trabalhada no Livro Didático de Língua Portuguesa? Nesse sentido, para responder essa pergunta, objetivamos analisar a maneira que a oralidade está sendo abordada, especificamente, no Livro Didático de Língua Portuguesa “*Se liga nas linguagens: português*”, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi do 1º ano do Ensino Médio, da editora Moderna. Como objetivos específicos pretendemos: a) verificar se os gêneros orais formais são trabalhados no Livro Didático; b) observar a abordagem das propostas de atividades; c) refletir sobre as contribuições desse Livro Didático de Língua Portuguesa para o desenvolvimento do ensino da modalidade oral nas aulas de Português.

O Livro Didático é considerado um recurso relevante no ensino, tendo em vista, que muitas das vezes, é o único material pedagógico acessível dos professores e alunos. Selecionamos a referida série (1º ano do Ensino Médio), por pertencer a um período de transição, configurando em uma fase de recapitulação do Ensino Fundamental II, como também de aprofundamento de conhecimentos sobre os processos seletivos, mercado de trabalho, e a vida em sociedade.

Para tanto, escolhemos o Livro Didático de Língua Portuguesa: *Se liga nas linguagens: português*, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2020 - 1º ano do Ensino Médio, da Editora Moderna). Esse livro atendeu nosso propósito, por ser atual e estar em uso por professores nas escolas da rede pública da Paraíba.

Desenvolvemos essa pesquisa a partir da compreensão que todo estudante deve dominar a expressão oral, para que possa desenvolver de maneira efetiva o processo de comunicação e, conseqüentemente, atuar ativamente na sociedade.

Desse modo, salientamos a necessidade de abordagem de atividades de exposição oral e da inclusão dos gêneros orais no processo de ensino. Por isso, é imprescindível esse estudo, tendo em vista que o papel da escola é formar sujeitos críticos, conscientes, independentes, capazes de expor suas opiniões de forma segura também em seus usos orais, não somente na escrita. Esperamos trazer contribuições com o intuito de despertar outras pesquisas dentro desse âmbito e que este trabalho possa ser utilizado como fonte de pesquisa para os professores da educação básica, auxiliando na aprendizagem dos estudantes.

Para a realização dessa pesquisa, adotamos o procedimento metodológico de natureza qualitativa que, de acordo com Freitas e Prodanov (2013, p.70), a pesquisa qualitativa é aquela que “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Do ponto de vista dos objetivos, contemplamos a pesquisa exploratória que, segundo Gil (2008), tem a finalidade de proporcionar mais informações sobre o tema, torná-lo mais explícito, envolvendo um levantamento bibliográfico e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Quanto aos procedimentos técnicos, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, já que as pesquisas científicas necessitam de um referencial teórico elaborado

a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. (FREITAS; PRODANOV, 2013, p.54)

Para o desenvolvimento da pesquisa, adotamos como suporte teórico as contribuições de Marcuschi (2007) sobre os gêneros orais e suas especificidades; Castilho (2000) acerca da importância da oralidade no ensino de português, e Dolz; Schneuwly; Haller (2004), a respeito da abordagem da língua falada no manual didático, entre outros.

O trabalho encontra-se dividido em duas partes: fundamentação teórica e análise de discussão de dados. A primeira parte contém três tópicos. No primeiro, abordamos a “Noção de oralidade”; no segundo, “Oralidade e ensino: o que dizem os documentos oficiais”, e no terceiro: “Oralidade e Livro Didático de Língua Portuguesa”. Em seguida, analisamos os dados obtidos no objeto de estudo. Por fim, apresentamos as Considerações Finais, em que estão presentes algumas reflexões sobre os resultados obtidos.

2. NOÇÃO DE ORALIDADE

Na sociedade grafocêntrica, os estudos linguísticos não tinham grandes preocupações em estudar o funcionamento da língua em seus usos reais, privilegiavam as características formais, observando as regras da gramática normativa. Os estudiosos tinham uma visão ingênua, supervalorizavam a escrita, distinguiam por completo da fala. Assim, com essa tradição atrelada, concebiam a fala como incoerente, informal, sem planejamento, redundante, reservada ao espaço do erro, por outro lado, a escrita era coerente, coesiva, planejada e formal. Desta maneira, perpetuava-se a noção dicotômica que considerava “a tradição da escrita como veículo por excelência da cultura, do pensamento e do raciocínio abstrato, ao

passo que a tradição oral seria mais concreta e apta para saber intuitivo e prático ou para a transmissão da experiência cotidiana.” (MARCUSCHI, DIONISIO 2007, p.35)

Após um longo tempo de silenciamento, a partir da década de 80, a oralidade começou a ser objeto de pesquisa, investigada por diversos estudiosos, como linguistas, pedagogos, entre outros. De acordo com Costa (2012, p.9), a oralidade é caracterizada como uma propriedade natural da língua, que diz respeito às atividades orais, tendo origem no latim *oralis*, que significa “boca”. Desse modo, está relacionada com o sonoro, expresso pela voz e deve ser utilizado em diferentes contextos sociais.

A oralidade está presente na vida do ser humano desde o princípio da humanidade, sendo a primeira forma de comunicação e a mais frequente no dia a dia. Nesse sentido, uma criança, um jovem ou adulto dominam a expressão oral, sendo necessário apenas ampliar a competência comunicativa nos diferentes níveis de ensino. Assim, Lyons (1979, *apud* COSTA, 2012) ressalta que a modalidade oral é mais antiga e expandida e que não existe grupo humano sem faculdade da fala “[...] não há grupo humano conhecido, que exista ou tenha existido, sem a capacidade da fala [...]” (LYONS, 1979, p.39).

Marcuschi (2010, p.25) define a oralidade como uma atividade comunicativa e interativa, que faz parte das práticas discursivas dos seres humanos desde o nascimento, sendo exercida nos contextos formais, seja em uma entrevista de emprego; ou informais, ao telefonarmos para os familiares e/ ou amigos. Assim:

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora: ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos vários contextos de uso. (MARCUSCHI, 2010, p.25)

Aos poucos, os linguistas que começaram a atribuir relevância ao assunto, “propuseram uma nova visão das relações entre fala e escrita, sugerindo que não se podia mais postular a “grande divisão”” (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p.58). Com base nos fundamentos da supremacia da escrita em relação à oralidade, Marcuschi e Dionisio apontam:

Não há razão alguma para desprestigiar a oralidade e supervalorizar a escrita. Também não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas têm um papel importante a cumprir e não competem. Cada uma tem sua arena preferencial, nem sempre fácil de distinguir, pois são atividades discursivas complementares. Em suma, oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem sua história e seu papel na sociedade. (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p.15)

Considerando o exposto, os autores desmitificaram a divisão estreita, chegando à conclusão que essa concepção é errônea e não condiz com os fatos, tendo em vista que ambas mantêm ligações próximas, há muito em comum. Nesse sentido, de acordo com Marcuschi e Dionísio (2007, p.61), “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não da relação dicotômica de dois polos opostos”. Seguindo esse pensamento, o autor defende a abordagem do *continuum* entre fala e a escrita, de modo que as duas modalidades não apresentem diferenças estanques, mas graduais e contínuas (MARCUSCHI, 2010, p.46). Sendo assim, possuem relações de complementariedade, que vão se cruzar e influenciar mutuamente, entretanto, com história e especificidades próprias:

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que

determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos. (MARCUSCHI, 2010, p.42)

Podemos, então, a partir da noção do *continuum* tipológico, compreender que as diferenças encontradas dizem respeito apenas ao meio de produção utilizado, a modalidade oral através do sonoro, e a modalidade escrita por meio dos elementos gráficos (papel, pedra, entre outros). Para Marcuschi (2010), há gêneros orais muito próximos ao escrito, como os discursos oficiais, as conferências; como também gêneros escritos que estariam mais próximos do oral, por exemplo, as cartas pessoais, os avisos, os bilhetes. Sobre esse aspecto, percebemos que ambas possuem ligações próximas, com graus de formalidade ou informalidade

O trabalho com os gêneros textuais possibilita a interação entre o oral e o escrito, considerando que um pode servir de apoio ao outro, respeitando as especificidades de cada situação e de cada estrutura que lhes são peculiares, sem que, para isso, seja necessário supervalorizar a modalidade escrita em detrimento da oralidade. (RODRIGUES; DANTAS, 2015, p.140)

Segundo Cavalcante e Melo (2006. p.93 *apud* Alvim e Magalhães, 2019, p.32), a língua falada envolve um conjunto de elementos, como os extralinguísticos, que dizem respeito ao grau de publicidade, de espontaneidade, a intimidade dos participantes, entre outros; os paralinguísticos, também chamados de prosódicos, que se referem à entonação, às pausas, ao ritmo dentre outros. Também existem os cinésicos, que remete aos gestos, às expressões faciais; por fim, os elementos linguísticos, que correspondem aos marcadores conversacionais, às repetições, às correções, entre outras.

Nessa perspectiva, a oralidade tem sua própria história, abrange a comunicação linguística em toda sua totalidade, sendo um ato individual em que cada pessoa escolhe os aspectos que lhe convém, conforme suas necessidades sociais. Quando falarmos, estamos transmitindo um vasto conjunto de elementos. A modalidade oral apresenta marcas que completam, modificam ou reforçam o que dizemos. Desse modo, notamos que a oralidade desempenha função essencial na sociedade, seja na esfera familiar, escolar, religiosa, científica, literária, entre outras.

3. ORALIDADE E ENSINO: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS

Após os crescentes estudos desenvolvidos ao longo dos anos, são perceptíveis, ainda de forma retraída, os avanços nas instituições escolares, especificamente, no ensino de Língua Portuguesa, com a inclusão da modalidade oral deixando de lado, as nomenclaturas da norma padrão e proporcionando um conhecimento reflexivo.

Segundo Magalhães e Cristovão (2017, p.68), “a pedagogia do oral deve enfocar os usos sociais da língua na esfera pública de atuação dos sujeitos, potencializando aquela fala que o aluno já traz quando entra para a escola”. É de suma importância que a escola assuma o papel de desenvolver as habilidades mais formais, desde as séries iniciais do período escolar, intensificando ao decorrer dos níveis de escolarização, com elaboração de propostas didáticas que valorizem os textos da tradição oral, uso dos gêneros orais formais, compreensão e produção oral.

Apesar de os aumentos de pesquisas sobre a temática, a partir de estudos realizados por Marcuschi (2010), verificamos que as escolas ainda centram suas atividades na modalidade escrita. O autor sente uma preocupação com o lugar e o papel da oralidade. O ensino tradicional deixa a oralidade em segundo plano, pela

forte crença enraizada de que a função da escola é ensinar ler e escrever. O Ensino Médio volta-se para a produção textual escrita, com o objetivo de preparar o aluno para exames de seleção. Portanto é preciso concordar com a ideia de que é necessário o texto escrito no ensino, mas também é possível acrescentar a oralidade. Desse modo, Castilho (2000) afirma:

É evidente que não estou propondo a exclusão da língua escrita. Simplesmente estou propondo que a escola imite a vida: primeiro aprendemos a falar, depois aprendemos a escrever. Que nas reflexões escolares sobre nossa língua, acompanhemos esse ritmo, deixando de lado uma tola supervalorização do escrito sobre o oral. (CASTILHO, 2000, p. 67)

No que se refere ao ensino de oralidade, é recorrente a ilusão de alguns professores que “a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola” (BRASIL, 1998, p. 24). Nesse sentido, a língua falada, por iniciar no cenário familiar, alguns professores dar ênfase à escrita, e / ou confundem que trabalhar com oralização, ou seja, leituras em voz alta, situações dialogais, discussões do texto com a realização final de uma produção escrita é ensinar a oralidade em sala de aula. À luz dessa perspectiva, Marcuschi e Dionisio (2007, p.68) afirma que “não se pode confundir oralização com oralidade”. Desse modo, com a finalidade de esclarecer essa ótica equivocada, o autor aborda alguns exemplos, como as notícias nas rádios e nos telejornais, chegam ao público através das produções orais, mas são consideradas como “uma escrita oralizada, o que não equivale, em hipótese alguma, a língua falada como tal” (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p.71).

De acordo com Carvalho e Ferrarezi Júnior (2018), o ensino da oralidade é previsto na legislação brasileira como conteúdo curricular na disciplina de Língua Portuguesa “não era um apêndice ou algo que deveria ser feito em horários de folga ou em dias de festa, mas sistemática e permanentemente” (CARVALHO, FERRAREZI, 2018, p. 24). As escolas, como espaços de aprendizado, que contribuem para a formação do sujeito participativo e crítico, devem ensinar os estudantes a se apropriar da modalidade oral, em diferentes campos de atuação, desenvolvendo uma ação pedagógica, através de textos orais diversos, como os debates, *podcasts*, seminários, conferências, palestras, dentre outros, com o objetivo de oportunizar os alunos o contato e convívio com os variados gêneros orais, ensinando aos estudantes o desenvolvimento de atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão.

A oralidade está presente na BNCC (BRASIL, 2018), documento oficial utilizado como base que define as aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas por todos os alunos no decorrer da Educação Básica. A partir das áreas de conhecimento, são estabelecidas as competências e as habilidades a serem trabalhadas em cada ano/série. Na área de Língua Portuguesa, a BNCC (BRASIL, 2018, p.71) divide as práticas de linguagem em quatro eixos norteadores: *leitura, oralidade, produção de textos e análise linguística/semiótica*. Esses eixos, sobretudo, a oralidade, devem estar inseridos dentro dos cinco campos de atuação social: *campo da vida pessoal, artístico, das práticas de estudo e pesquisa, jornalístico-midiático e no campo de atuação na vida pública*. Na BNCC, o professor deve ensinar a modalidade oral e oferecer subsídios para o aluno “conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram” (BRASIL, 2018, p.78).

Conforme a BNCC, o eixo da oralidade compreende:

As práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot

de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (BRASIL, 2018, p.78-79)

Considerando o exposto, a BNCC (BRASIL, 2018) atribui um espaço significativo para a oralidade, apresenta gêneros orais que, historicamente, são mais comuns nas aulas de língua portuguesa, como as apresentações orais e seminários, e expõe outros gêneros orais pouco e/ ou não utilizados e que devem fazer parte do conteúdo e das atividades em sala de aula como, por exemplo, os podcasts, que são definidos como arquivos de áudios, disponibilizados na internet.

Entende-se que o trabalho com os gêneros textuais orais se apresenta como uma importante ferramenta capaz de instrumentalizar os sujeitos com vistas ao desenvolvimento das potencialidades de uso da linguagem oral em diferentes contextos de interação social. (RODRIGUES; DANTAS, 2015, p.138)

Em relação à produção de textos orais, o documento orienta:

Produzir notícias para rádios, TV ou vídeos, podcasts noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, vlogs, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global e textos orais de apreciação e opinião – podcasts e vlogs noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros (BRASIL, 2018, p. 159).

Partindo desta ponderação, percebemos o tratamento da oralidade com relação à compreensão e à produção dos textos orais. Para tanto, é necessário que as instituições escolares abram espaço para a inclusão de gêneros orais, pois “tornam o ensino da oralidade significativo para o aluno, oferecendo-lhe instrumentos linguísticos que podem ser usados de forma relevante em vários contextos sociais de linguagem” (ANGELO; COSTA; ANDRADE, 2021, p. 1483)

A oralidade se encontra presente na vida dos discentes desde os primeiros anos e, ao chegar na escola, é necessário o aprimoramento daquilo que os alunos já adquirem no dia a dia, orientando a ouvir, refletir, produzir os diversos gêneros orais e adequar sua fala em diferentes contextos “a escola pode ensinar certos usos da oralidade, como por exemplo, a melhor maneira de se desempenhar em público, num microfone, numa conferência, etc.” (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p.33). Dessa forma:

Salienta -se que cabe ao professor de língua materna perceber as particularidades de tais estratégias, a fim de que possa orientar (e analisar) as produções orais e escritas de seus alunos, conscientes de que tais atividades são naturais à fala e à escrita, devendo, portanto, serem respeitadas em seus usos. (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p.10)

Nesse sentido, o ensino rompe com o método tradicional, o lugar de repetidor de fórmulas antigas e passa a adotar práticas inovadoras em suas metodologias. Nessa concepção, é imprescindível que os docentes conheçam as especificidades da língua oral e estejam preparados para trabalhar os gêneros nessa modalidade, para assim, obter avanços no ensino. Conforme Rodrigues e Dantas (2015, p.142), os professores “precisam desenvolver, no aluno, competências linguísticas que o tornem

um sujeito socialmente capaz de atuar frente aos eventos diversos de sua cotidianidade”. Desse modo, formando sujeitos conscientes, capazes de interagir com diversos gêneros orais que circulam socialmente.

4. ORALIDADE E LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O Livro Didático começou a ser utilizado no início do século XX, na educação básica, tendo passado por modificações resultantes de questões políticas, sociais, econômicas e educacionais até chegar aos dias atuais. É uma ferramenta indispensável no processo de ensino-aprendizagem, financiado pelo Ministério da Educação (MEC), distribuído de forma gratuita para as escolas públicas brasileiras.

Esse instrumento pedagógico é capaz de promover uma relação entre educador e estudante, baseada na construção do conhecimento, uma vez que ele age ativamente na formação do aluno, e também serve de auxílio para o professor na sua prática pedagógica. Em muitas escolas, é uma das principais fontes de informação no processo educativo. Bittencourt (1997) postula:

O livro didático é um depositário dos conteúdos escolares, suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares são por seu intermédio que são passados os conhecimentos e técnicas consideradas fundamentais de uma sociedade em determinada época. O livro didático realiza uma transposição do saber acadêmico para o saber escolar no processo de explicitação curricular. (BITTENCOURT, 1997, p.72)

Dentre as definições de tal ferramenta didática, podemos citar, a partir das contribuições advindas de Choppin (1980, *apud* Mendes 2005), o LD é considerado: a) *objeto*, tendo em vista, que a sua fabricação, sua comercialização e distribuição evolui; b) *suporte*, pois é um depositário de conhecimentos, que auxilia os professores; c) *espelho da sociedade*, por ser um revelador da sociedade, mostrando determinada época, estereótipos e aspectos; d) *instrumento pedagógico*, que funciona como guia, apresentando métodos e condições de ensino; e) *veículo*, pois participa do processo de socialização.

Desse modo, considerando os desafios da educação brasileira pública, o LD não é considerado apenas como um material impresso, constitui-se como importante aliado do docente, ocupando um lugar de destaque dentro das salas de aulas. Dessa maneira, necessita ser sistematizado, objetivo, organizado, como também abordar os eixos de linguagem de forma contextualizada, com atividades bem direcionadas. Sobre o Livro Didático, Batista (2003) afirma que:

[...] tornou-se, sobretudo, um dos principais fatores que influenciam o trabalho pedagógico, determinando sua finalidade, definindo o currículo, cristalizando abordagens metodológicas e quadros conceituais, organizando, enfim, o cotidiano da sala de aula (BATISTA, 2003, p. 28).

Levando em consideração o exposto, o LD contribui significativamente para o desenvolvimento educacional, sendo necessário estar alinhado com o contexto no qual os alunos estão inseridos, havendo assim, uma conexão entre escola, professor e aluno. Atualmente, tem o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), com o objetivo de analisar e recomendar os livros que serão utilizados nas escolas brasileiras, para que o próprio professor realize a análise de forma cuidadosa e criteriosa e posteriormente a seleção. Com relação aos Livros Didáticos aprovados

pelo PNLD de Língua Portuguesa, existe uma necessidade do trabalho com a oralidade, os autores Magalhães e Cristovão (2017) consideram que:

Se como já afirmamos, muitos e muitos trabalhos mostram que a oralidade sempre está minimizada, não é abordada de forma profícua, pensamos que os critérios deveriam ser mais rígidos. Por outro lado, se assim for, perguntamo-nos se teríamos livros aprovados no tocante ao trabalho com a oralidade. Parece, então, que a aprovação dos livros segue a tendência de permanecer com o eixo da oralidade minimizado. (MAGALHÃES e CRISTOVÃO, 2017, p.82)

É perceptível que alguns LDP ainda centram atividades na leitura e escrita, com exercícios que permitem apenas o uso livre da fala, solicitando que conversem com os colegas, comentem determinada temática, leiam em voz alta, ou quando contemplam a oralidade, abordam em quantidade pequena. Dessa forma, o trabalho com a linguagem oral continua monótono, recorrente, devido à tradição da supremacia da escrita. Ficam ausentes trabalhos com os elementos multimodais. É preciso levar em consideração o ritmo, as expressões faciais, entre outros.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

5.1 Descrevendo o livro didático para análise

Partindo de tais considerações sobre essa ferramenta didática e de sua importância para o processo de ensino-aprendizagem, escolhemos como *corpus* para o desenvolvimento de nossa pesquisa, o Livro Didático de Língua Portuguesa “*Se liga nas linguagens: português*”, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, publicado pela editora Moderna no ano de 2020, - 1º ano do Ensino Médio, contemplado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), em 2021. A obra encontra-se dividida em duas partes, sendo a primeira destinada à *Literatura* e a segunda, nomeada de *Análise Linguística / Semiótica*, nas quais estão dispostos os trinta e dois capítulos que se dividem nas seguintes seções: “*Desafio da linguagem*”, “*Bate-papo de respeito*”, “*A língua nas ruas*”, “*É lógico*”, “*Fala aí*”.

Na seção “*Desafio da linguagem*”, o estudante é convidado a produzir textos em diversos gêneros, a colocar suas opiniões, expor interesses, analisar textos, entre outros. Na seção “*Bate-papo de respeito*”, encontramos as atividades orais. Como defendem Ormundo e Siniscalchi (2020), os alunos irão discutir criticamente uma ideia lançada por um especialista após ter estudado determinado conteúdo. A seção “*A língua nas ruas*”, apresenta uma atividade de pesquisa de dados para discutir o uso real da língua pelos falantes. Na seção “*É lógico*”, encontramos um espaço das atividades desenvolvidas a partir do pensamento computacional. Finalmente, na subseção “*Fala aí*”, os alunos irão contar suas experiências, como também debater aspectos éticos, sociais, estéticos, entre outros.

Dentre as partes que compõem o livro, nos detemos a analisar os espaços destinados ao trabalho com a oralidade, especificamente o capítulo 17, “*Língua falada e língua escrita*” e duas propostas de atividades encontradas na seção “*Bate papo de respeito*”. Conforme analisados a seguir:

5.2 Os gêneros orais trabalhados no Livro Didático

FIGURA 1: capítulo 17 “Língua falada e língua escrita” – Pra começar

PERCURSO DO CAPÍTULO

- Diferenças entre fala e escrita
- A questão do planejamento
- Turnos conversacionais

Em razão da natureza dinâmica da internet, com milhares de sites sendo criados ou desativados diariamente, é possível que algum endereço citado neste capítulo não esteja mais disponível.

A fluidez dos gêneros digitais, desenvolvidos a partir do avanço da internet, resulta, em alguns casos, em certa indefinição no uso de termos que designam suporte e gênero. Usaremos os termos correntes.

Leia nossa proposta de abordagem do tema no **Suplemento para o professor**, p. LVI.

Pra começar

No capítulo anterior, você estudou o processo de adequação linguística, que é fundamental para uma comunicação eficiente. Neste capítulo, vamos refletir sobre as particularidades no uso da língua promovidas pela modalidade que escolhemos para a comunicação: a fala ou a escrita.

! Sugerimos que as atividades sejam feitas de modo oral e coletivo.

Leia o post publicado em um site destinado à avaliação de pontos turísticos.

Parque Nacional do Iguaçu

15.408 avaliações | N.º2 de 54 atividades em Foz do Iguaçu | Parques nacionais

Rodovia Br-469 Km1-8, Foz do Iguaçu, Paraná 85853-830, Brasil

Bom demais!

Avaliação sobre **Parque Nacional do Iguaçu**

Roberto ●●●●● Publicado há 4 semanas

O lugar é TUDO DE BOM!!!! O parque é bem conservado e tem estrutura completa pro turista. Os dois lados são bacanas. O brasileiro é melhor pra contemplar a paisagem e o argentino tem pontes de observação que permitem chegar mais perto da água.

O passeio de barco nas cataratas é bonito, mas bem caro. Se não quiser gastar, faça caminhadas porque tem pontos bem interessantes e dá até para ver animais. As crianças vão a-do-rar! (mas leve repelente kkkk)

Data da experiência: dezembro de 2019.

[Peça informações para Roberto sobre Parque Nacional do Iguaçu.](#)

Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303444-d312333-r752208999-Parque_Nacional_do_Iguacu-Foz_do_Iguacu_State_of_Parana.html>. Acesso em: 3 abr. 2020.

1. A avaliação desse ponto turístico já está explícita no título. Ela se confirma na sequência do texto? Justifique.
2. Que efeito produz o uso de maiúsculas em “TUDO DE BOM”?
3. Descreva o recurso empregado em “a-do-rar” e explique seu objetivo.
4. Com base no conteúdo e na linguagem, você considera que esse post está adequado à situação comunicativa?

Postagens que avaliam atrações turísticas e hospedagens admitem uma comunicação mais informal. Embora estejam escrevendo, os produtores desses textos, em geral, buscam uma interação com o leitor semelhante àquela que se dá em uma conversa. Daí o uso de recursos que imitam a fala, sugerindo a altura da voz ou o ritmo com que algo seria dito, e de outros que sugerem manifestações do falante, indicadas, por exemplo, por *kkkk* (sugestão de riso), que incluem no discurso marcas pessoais.

Essa tentativa de reproduzir as particularidades da fala na escrita, entretanto, é bastante limitada, porque a língua escrita não é uma transcrição da fala. A fala e a escrita são duas **modalidades da língua**, que, além das diferenças materiais, têm particularidades derivadas das diferentes condições de produção.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

AMIFERSON/DIF. ANIMATI. PINDUTI

Fonte: (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2020, P.175)

O capítulo 17, intitulado “Língua falada e língua escrita”, presente nas páginas 175, 176, 177, 178 e 179, os autores traçam um percurso a respeito da relação entre

língua falada e língua escrita, da questão do planejamento da fala e do conceito de turno conversacional. Reconhecemos que tal capítulo impulsiona uma discussão abrangente sobre as particularidades de cada modalidade, a escrita e a oral.

Quando partimos para a análise do modo como são apresentados esses conteúdos através do Livro Didático, podemos observar que, há uma preocupação em trazê-los de modo mais dinâmico, verificamos a preocupação dos autores em aproximar o aluno do que está sendo exposto. Para haver tal aproximação, é utilizado como artifício um exemplo mais familiar ao aluno. Sendo assim, é apresentado o gênero digital *post*, fazendo com que o entendimento por parte do aluno, mediado através da ajuda do professor, seja alcançado.

Dando seguimento à análise, observando agora os exemplos utilizados para compor a explicação e compreensão, verificamos na Figura 1, “*Pra começar*”, uma proposta de leitura e análise de *post* com o título “*Parque Nacional do Iguaçu*”, publicado em um *site* que avalia pontos turísticos, com o objetivo dos alunos observarem a presença de elementos da língua falada no texto escrito, como por exemplo, a altura da voz, com o uso das letras em maiúsculas (*TUDO DE BOM!!!*), estabelecendo um efeito de ênfase, o ritmo da palavra, tendo as letras separadas (*a-do-rar!*), sugerindo que foi dita de modo lento e enfático e o uso do (*kkk*) remetendo à ideia do riso, comum nas interações informais, encontradas nas mensagens de aplicativos. Podemos compreender que houve uma tentativa de fazer o aluno refletir sobre o fato que a escrita não ser uma transcrição da fala, ambas não são processos opostos e independentes, mas cada uma tem particularidades de diferentes condições de produção.

FIGURA 2: Capítulo 17 Língua falada e língua escrita – Tempo de planejamento

! Neste tópico, incluímos a transcrição de uma conversação valendo-nos de sinais técnicos. As transcrições apresentadas nesta coleção não usarão tais sinais, mas aqui eles foram empregados por uma opção didática, já que nos permitem trabalhar algumas questões relativas à produção oral do discurso em um material escrito. Procure combinar previamente a leitura do texto com dois alunos, expondo-lhes o sentido dos sinais. Com isso, a turma terá uma percepção mais precisa do texto falado.

Tempo de planejamento

Você lerá a transcrição de um trecho de conversação entre duas mulheres — Locutor 1 (L1) e Locutor 2 (L2). Essa transcrição procura indicar características próprias da situação de fala e, por isso, vale-se de alguns sinais específicos, empregados em estudos de linguagem. As questões propostas em seguida explicitam o uso desses sinais.

L2 a sua família é grande?
 L1 nós somos:: seis filhos
 L2 e a do marido?
 []
 L1 e a do marido... eram doze agora são onze...
 L2 ahn ahn
 []
 L1 quer dizer somos de famílias GRANdes e:... então ach/acho que:... dado esse fator nos acostumamos a:: muita gente
 L2 ahn ahn
 L1 e::
 L2 e daí o entusiasmo para NOve filhos...
 [...]

FÁVERO, Leonor Lopes. O tópico conversacional. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. (Fragmento).



1. O que as duas sílabas grafadas com letras maiúsculas indicam? *Entonação enfática.*
2. O que as pausas, indicadas por reticências, sugerem sobre a formulação da fala? *As pausas sugerem que o falante está buscando o melhor modo de se expressar.*
3. A ocorrência de :: indica que a pronúncia de uma vogal ou consoante foi prolongada (somos:: equivale a "somosss"). Qual é a possível intenção desses prolongamentos? *Ao prolongar um som, o falante ganha tempo para pensar na palavra seguinte.*
4. Os colchetes ligando linhas marcam momentos de sobreposição de vozes. O que explica a primeira sobreposição? *Provavelmente, L1 inferiu a pergunta enquanto estava sendo feita e iniciou a resposta antes que L2 finalizasse.*
5. Qual é a função, em uma conversa, de expressões não verbais como *ahn ahn*? *Essas expressões indicam que o falante está acompanhando a discussão.*
6. Embora procure representar a fala, na transcrição faltam elementos da interação frente a frente. Dê um exemplo. *Olhares ou expressão facial e corporal.*

176

O gênero textual **conversação** caracteriza-se pela troca de ideias entre os interlocutores sobre determinado assunto e ocorre nas mais variadas situações do dia a dia. Pode se dar no mesmo espaço, face a face, ou em espaços diferentes, como acontece em conversas telefônicas, mas prevê sempre a simultaneidade no tempo, porque se caracteriza pela troca constante de **turnos conversacionais**.

Em uma conversação, cada intervenção de um falante – isto é, cada momento de fala – é chamada **turno conversacional**.

Essa troca constante de turnos implica um tempo de planejamento curtíssimo. O texto falado é planejado praticamente no mesmo instante de sua execução. Por isso, são comuns, por exemplo, as pausas e as repetições, que podem indicar que o falante ainda está buscando a maneira mais eficiente de comunicar seu pensamento. As frases tendem a ser fragmentadas do ponto de vista sintático, já que, muitas vezes, o falante abandona uma construção que havia iniciado ou muda seu rumo.

Em conversações, especialmente, mas também em aulas, debates etc., a interação entre os falantes faz com que a atividade de fala seja administrada passo a passo, considerando as contribuições de ambos os interlocutores. Enquanto o detentor do turno está desenvolvendo o tema, o outro tenderá a interferir para confirmar a compreensão da fala e estimular sua continuidade, ou para tomar o turno para si, obrigando o falante a usar estratégias para mantê-lo, como os prolongamentos de vogais e consoantes, que você observou no texto transcrito, os quais ajudam a preencher o vazio enquanto se organiza a continuidade. O texto é produzido coletivamente. **(A)**

Já o texto escrito conta com um tempo de planejamento mais extenso, porque será lido apenas quando o produtor o considerar pronto. Se a situação de interação não exigir transmissão instantânea, o produtor do texto escrito poderá revisá-lo e refazer o que for necessário, sem deixar sinais desse processo de elaboração. O texto resultante, por consequência, será mais coeso e, em geral, contará com frases mais complexas sintaticamente. **(B)**

Além disso, o texto escrito é mais completo, uma vez que precisa compensar a ausência de elementos do contexto de produção. Enquanto a fala é composta também de aspectos não verbais, como gestos, direção do olhar, tom de voz e riso, compartilhados no momento da interação, o texto escrito requer a transformação desses elementos em informação explícita.

A língua escrita e a língua falada **não são opostas**, ainda que tenham particularidades promovidas, principalmente, pelos **diferentes tempos de planejamento** e pelas **várias formas de interação**.

Fonte: (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2020, P.176)

A Figura 2, apresenta uma leitura e análise de transcrição de trecho de conversação com os sinais técnicos. Para a exemplificação do tempo de planejamento, Ormundo e Siniscalchi (2020) propõem uma atividade de leitura de um

trecho de conversação entre duas mulheres, nomeadas de locutor 1 (L1) e locutor 2 (L2). Essa transcrição leva os alunos a compreenderem as diferentes condições de produção do texto falado informal e do texto escrito formal.

As características próprias da fala são representadas por alguns sinais específicos, como podemos encontrar na transcrição, por exemplo, duas sílabas grafadas com letras maiúsculas, “GRANdes, NOve”, que indicam uma entonação enfática; as marcas prosódicas como as pausas, indicadas pelas reticências “e a do marido... eram doze agora são onze...”, sugerindo que o falante está buscando a melhor maneira de se expressar, desse modo, há uma formulação da fala enquanto o locutor está falando. Também encontramos a ocorrência de:: indicando um alongamento de vogal ou consoante “nós somos::” que equivale a somosss, assim, houve um prolongamento da consoante (s) com a finalidade do falante ganhar mais tempo para pensar na palavra seguinte. Os colchetes expressam momentos de sobreposição, simultaneidade de vozes, essa marca acontece quando os locutores falam ao mesmo tempo, ou seja, inicia a resposta antes de finalizar a pergunta. O uso de expressão não verbal “anh anh”, é um marcador discursivo que indica que o falante está seguindo ou acompanhando a conversa. Na transcrição faltou citar alguns elementos fundamentais que representam a fala, como a interação face a face, que diz respeito aos olhares e às expressões corporal e facial.

Ormundo e Siniscalchi (2020, p.176) definem que turno conversacional é “cada intervenção de um falante, isto é, cada momento de fala”. Os autores têm a preocupação de não apenas conceituar, mas, em seguida, traçam algumas reflexões sobre o tempo de planejamento da fala e da escrita que contribuem para o entendimento dos estudantes. Desta maneira, a metodologia adotada neste capítulo aproxima-se do que de fato deve ser feito no ensino de português. Um ensino que ao invés de ser excludente, distante da realidade do indivíduo, seja apresentado de modo inclusivo e reflexivo.

Partindo desse conceito, à luz dos estudos desenvolvidos por Galembeck (1997), o turno conversacional seria a alternância de ações com outros indivíduos através da conversação, ora ouvinte ora falante. Essa ação conjunta é fundamental para a construção do diálogo. De acordo com Galembeck (1997), os turnos conversacionais podem ser simétricos ou assimétricos. No caso dos simétricos, os interlocutores têm uma distribuição igualitária dos turnos, já nos assimétricos, apenas um interlocutor tem valor referencial no diálogo. Também existe a tipologia de turnos (nuclear, inserido, nucleares justapostos, nuclear em andamento); as estratégias de gestão de turno (troca de falante; passagem de turno, que se divide em duas, a requerida e a consentida); assalto de turno, que diz respeito ao ouvinte que intervém no turno sem que seja solicitado, havendo o assalto com deixa e o assalto sem deixa, e a sustentação do turno, que acontece no momento que o turno é concluído de forma que não apresenta espaços para que o ouvinte tome a palavra.

FIGURA 3: Capítulo 17 Língua falada e língua escrita – Modalidades complementares

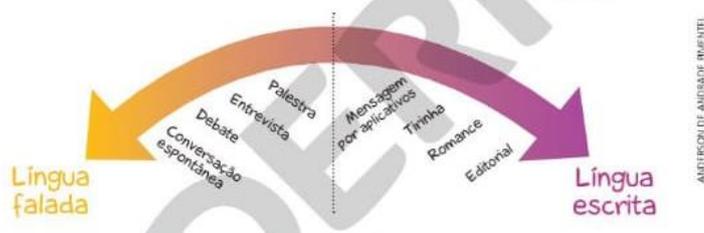
Modalidades complementares

As condições diferentes de planejamento e interação não implicam que a língua falada seja sempre mais simples ou descontraída do que a escrita. De fato, nas conversações espontâneas, isso tende a acontecer, porque nos comunicamos por unidades de ideias menos longas e menos complexas e trocamos mais os turnos.

No entanto, cada gênero textual terá particularidades nas condições de produção. Em uma palestra, por exemplo, embora também formule sua fala localmente e considere as respostas não verbais dadas pela audiência, o falante pode planejar antecipadamente a sequência de abordagem do assunto e a escolha de palavras que expressam melhor as ideias. Desse modo, suas frases tendem a estar mais bem estruturadas e o conjunto do texto, fluente, o que é necessário à exposição dos temas complexos propostos por esse gênero textual. Além disso, ele leva em conta o nível de linguagem a ser empregado nessa comunicação mais formal, necessariamente mais comprometido com as formas usadas pelas variedades urbanas de prestígio.

Esse mesmo raciocínio se aplica aos textos escritos. Em geral, o tempo de planejamento mais longo favorece formulações mais complexas e, inclusive, a consulta a gramáticas e dicionários quando se deseja seguir a norma-padrão. No entanto, nem sempre é essa a maneira de realização de um gênero escrito. A troca de mensagens por aparelhos celulares, por exemplo, quase sempre dispensa esse tempo de planejamento, aproximando-se bastante da situação de conversação espontânea.

Vemos, portanto, que existe uma relação de continuidade entre a língua falada e a língua escrita, como mostra a ilustração.



A **!** Verifique se os alunos compreendem a ideia de que, em algumas situações de interação, um texto é construído coletivamente. Para exemplificar, peça para se lembrarem de uma consulta médica. Ao explicar como tomar um remédio, o médico observa as expressões faciais ou os gestos dos pacientes e pode optar por retomar a explicação usando outras palavras, caso note, por exemplo, que não está sendo entendido plenamente. Mesmo que o paciente não use palavras para completar o texto do médico, as suas reações determinam como a fala do médico vai progredir, por isso diz-se que o texto é produzido coletivamente.

B **!** Pergunte aos alunos se, na opinião deles, as mensagens trocadas por meio de aplicativos estão mais próximas da modalidade escrita ou da falada. É interessante que notem que, por serem escritas, as mensagens não revelam as hesitações ou mudanças no rumo das frases, que podem ser apagadas. Por outro lado, como na modalidade falada, elas tendem a ser produzidas e enviadas com rapidez, o que resulta, em geral, na construção de frases com estrutura mais simples e vocabulário mais comum.

igo Perini e Lúcia 610 de 19 de fevereiro de 1998.

ANTIFONIA (TE AMBROSIO PERINTE)

Fonte: (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2020, P.177)

Com base nas definições apresentadas no capítulo e relacionando-as com a ideia defendida por Marcuschi (2007), observamos que há uma semelhança nas definições de tais conceitos. Ambos mencionam a escrita e a oralidade como modalidades complementares e não enxergam as duas como opostas, estanques. Assim, desconstrói aquela visão tradicional que apresenta a fala como redundante, imprecisa e a escrita como organizada e precisa.

Através desse exemplo, representado na Figura 3, podemos identificar claramente os gêneros orais (palestra, entrevista, debate, conversação espontânea), e escritos (mensagem por aplicativo, tirinha, romance, editorial), com a finalidade de mostrar que as relações entre fala e informalidade e escrita e formalidade são equivocadas, tendo em vista que, nas mensagens escritas enviadas por meio de aplicativos da Internet, como o *WhatsApp*, se aproxima mais do informal, por outro lado, os debates estão mais próximos da escrita. Nesse sentido, Marcuschi (2007) ressalta

A formalidade ou a informalidade na escrita e na oralidade não são aleatórias, mas se adaptam às situações sociais. Essa noção é de grande importância para perceber que tanto a fala como a escrita têm realizações estilísticas bem variadas com graus de formalidade diversos. Não é certo, portanto, afirmar que a fala é informal e a escrita é formal. (MARCUSCHI; 2007, p.25)

Dessa forma, as modalidades não podem ser vistas como dicotômicas, mas dentro do mesmo *continuum* tipológico, em outras palavras, estabelecendo uma ideia de continuidade, elas podem apresentar variados graus (formalidade ou informalidade), depende das escolhas feitas pelo interlocutor, das necessidades e contextos, pois seus usos podem ir da escrita mais formal (romance) a fala mais informal (conversação espontânea), ou da escrita mais informal (mensagem por

aplicativo) a fala mais formal (palestra). Seguindo esse pensamento, a oralidade e a escrita são práticas sociais da manifestação da língua, que apresentam textos coesos e coerentes utilizados na sociedade, atendendo as demandas dos falantes em diferentes contextos (MARCUSCHI, 2007).

5.3 Abordagem da oralidade nas propostas de atividades

Iremos observar a abordagem das quatro propostas de atividades presentes na seção “Bate-papo de respeito”. Como defendem Ormundo e Siniscalchi (2020), é aquela em que encontramos as atividades orais. Os alunos irão discutir criticamente uma ideia lançada, após ter estudado determinado conteúdo.

FIGURA 4: “Bate papo de respeito”: Discussão

Reprodução proibida. Art. 174 do Código

▶
Bate-papo de respeito

1 Veja orientações para essa atividade no **Suplemento para o professor**.

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.

Título III
Dos Direitos do Autor

Capítulo I
Disposições Preliminares

Art. 22. Pertencem ao autor os direitos morais e patrimoniais sobre a obra que criou.

Art. 23. Os coautores da obra intelectual exercerão, de comum acordo, os seus direitos, salvo convenção em contrário.

[...]

Capítulo IV
Das Limitações aos Direitos Autorais

Art. 47. São livres as paráfrases e paródias que não forem verdadeiras reproduções da obra originária nem lhe implicarem descrédito.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>. Acesso em: 14 maio 2020.

O texto acima é parte da Lei de Direitos Autorais. Reúna-se com seu grupo e discuta:

- Por que as paráfrases e as paródias podem ser produzidas sem a autorização dos autores, a citação das fontes e o pagamento de valores?
- Considerando as ideias gerais dessa lei, as quais podem ser deduzidas com base no fragmento, qual é a obrigação de um estudante que produz um trabalho escolar incluindo fragmentos de obras intelectuais produzidas por outras pessoas? Por quê?

5b. A sugestão de que Israel teria sofrido crime de guerra decorre da associação de “contra Israel” à palavra *crime* (crime contra Israel). A ideia de que Israel cometeu crime de guerra resulta da associação com *denúncias* (denúncias contra Israel).

5c. O sentido que indica que Israel cometeu crime de guerra. O primeiro parágrafo esclarece que um estudo da ONU concluiu que o governo israelense agiu com violência compatível com a categoria “crimes contra a humanidade”.

187

Fonte: (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2020, P.187)

Inicialmente, na proposta de atividades é solicitado que os alunos realizem a leitura com base na Lei de Direitos Autorais “*Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos*”. Posteriormente, deverão se reunir em grupo e discutir alguns pontos, respondendo às perguntas oralmente, sobre a apropriação de textos para fins de paráfrases e paródias e implicações éticas da utilização de textos alheios “*por que as paráfrases e paródias podem ser produzidas sem a autorização dos autores, a citação das fontes e o pagamento de valores?*”

Notamos que essa atividade está voltada diretamente à leitura do texto escrito e discussões orais: “*reúna-se com seu grupo e discuta*”, com o objetivo de discutir sobre os diferentes usos de textos de outros autores, como também suas implicações éticas, ocasionando apenas uma discussão de um tema relevante e não sobre um gênero formal, havendo uma interação na sala de aula entre professor e aluno. Vale ressaltar que é importante a interação face a face, uma vez que, possibilita aos alunos

a troca de opiniões, mas é primordial que a escola ultrapasse as formas de produção oral cotidianas e prepare para os usos mais formais públicos.

embora a linguagem oral esteja bastante presente nas salas de aula (nas rotinas cotidianas, na leitura de instruções, na correção de exercícios, etc) afirma-se que ela não é ensinada, a não ser incidentalmente, durante atividades diversas ou pouco controladas". Assim como denunciam didatas sociólogos, linguistas e formadores de professores, o ensino escolar da língua oral e de seu uso ocupa atualmente um lugar limitado (DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004, p. 149).

Percebemos que não houve uma sistematização com a modalidade oral. A proposta permanece restrita apenas a discussões sobre os Direitos Autorais. Os estudantes já dominam esses usos, sendo necessário ir além daquilo que os alunos já conhecem.

FIGURA 5: "Bate papo de respeito": Conversação espontânea

Bate-papo de respeito

Leia orientações para essa atividade e instruções para uma atividade complementar no **Suplemento para o professor**.

O comentário a seguir, sobre a vacina da febre amarela, circulou em aplicativos de mensagens. Leia-o.

"Eu tenho certeza absoluta que tudo está sendo manipulado para criar o medo na população, assim como fizeram em 2009 com a tal gripe suína que ninguém nunca mais ouviu falar, e uma vez criado o medo, levarem todos a se submeter a mais uma vacina QUE CONTÉM UM PERCENTUAL ABSURDO DE MERCÚRIO, um dos metais mais tóxicos que existem."

Disponível em: <<https://apublica.org/2018/02/truco-correntes-de-whatsapp-espalham-informacoes-falsas-sobre-febre-amarela/>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

Muitos comentários ou supostas notícias que circulam em redes sociais ou aplicativos de mensagens são falsos. Este, por exemplo, menciona o uso de mercúrio, componente que não é adicionado às vacinas de febre amarela distribuídas nos postos de saúde do Brasil. Em vários desses comentários, emprega-se o recurso do exagero, que é a base da figura de linguagem hipérbole.

Converse com seus colegas sobre o texto acima.

- Vocês reconhecem o exagero? Qual é seu efeito? Por que, na opinião de vocês, as pessoas tendem a acreditar em textos como esse?
- Quais são os riscos de textos como esse para a população?
- Como vocês agiriam se recebessem um texto assim? Como deveriam agir?

É lógico!

Para se proteger da desinformação, você pode construir um algoritmo pessoal com etapas que lhe permitam reconhecer as marcas dos textos não confiáveis. Inclua o *exagero* em seu algoritmo.

192

Fonte: (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2020, P.192)

Nessa proposta de atividade oral, os alunos deverão realizar a leitura de um comentário sobre a vacina da febre amarela, relacionada com o uso da figura de linguagem, hipérbole, em mensagens falsas que circulam na rede social *WhatsApp*. Após a leitura, é solicitado aos alunos que "*converse com seus colegas sobre o texto acima*", expressando suas opiniões acerca do assunto, respondendo às perguntas oralmente.

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2014), a conversação é resultado de uma atividade interpessoal, desenvolvida entre pelo menos dois indivíduos face a face, e alguns fatores influenciam, como a temática abordada, a duração das trocas, a alternância dos turnos de fala, entre outros.

Dessa forma, percebemos o texto escrito como base e o uso "livre" da fala, que favorece a interação em sala de aula, sem desenvolver as capacidades de linguagem para as demais esferas sociais. Assim, os gêneros orais não são colocados como

objeto de ensino, mas como atividade incidentalmente pouco sistematizada. Segundo Cavalcante e Melo (2006),

Os autores de manuais didáticos, em sua maioria, não sabem onde e como situar o estudo da fala. Muitas vezes, os livros dão a impressão de que a análise da fala figura apenas como curiosidade. São recorrentes os exercícios que se limitam a atividades do tipo: 'Converse com o colega' ou 'Dê a sua opinião' (CAVALCANTE; MELO, 2006, p. 182).

Essa proposta de atividade se caracteriza como não sistematizada, ou seja, não traz orientação, direcionamento para a produção, os estudantes não conseguem sequer reconhecer o gênero oral. Vale ressaltar que é importante esse tipo de atividade, mas como é algo naturalizado, já faz parte de outros espaços, além da sala de aula. Dessa forma, não houve uma orientação para que os alunos compreendessem o gênero oral.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, buscamos para compreender como a oralidade está sendo trabalhada no ensino, especificamente, em um Livro Didático de Língua Portuguesa do 1º ano do Ensino Médio. Nesse sentido, o material didático analisado permitiu identificar pontos positivos e negativos. Foi analisado um capítulo voltado para a fala e a escrita, que trouxe reflexões dialogando com o pensamento do linguista Marcuschi (2007), em relação às modalidades como complementares e não como dicotômicas, e também parcialmente com os documentos oficiais, sobretudo, com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que estabelece as práticas de usos reais da língua, contribuindo para a formação dos estudantes.

Na seção "*Bate-papo de respeito*", verificamos que as propostas se restringem a exercícios históricos e não sistematizadas, como a leitura em voz alta e conversas com colegas. Deste modo, sentimos a necessidade de acréscimos e ampliação dos gêneros orais formais, como as entrevistas, os seminários, os debates, entre outros.

Em linhas gerais, percebemos, que a oralidade vem ocupando espaço dentro do ensino, mas ainda é apresentada de forma tímida. A escola, como ambiente de formação social, cognitivo e cultural, deve oferecer subsídios para que o aluno possa fazer suas escolhas de acordo com seu contexto, dentro e fora da instituição.

Consideramos o Livro Didático um importante recurso do professor em sala de aula, muitas das vezes, é o único material de apoio acessível nas escolas. Portanto, é imprescindível mais pesquisas voltadas ao tratamento da língua falada nos Livros Didáticos. Esperamos, que este estudo inspire outros, e possa ser utilizado como fonte de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, Vanessa Titonelli; MAGALHÃES, Tânia Guedes. Oralidade e ensino: sistematização das atividades de escuta na escola a partir dos resultados de uma pesquisa-ação In: MAGALHÃES, T. G; FERREIRA, C. S. (Org.). **Oralidade, formação docente e ensino de língua portuguesa**. Araraquara: Letraria, 2019. p. 24-67.
- ANGELO, C. M. P; COSTA, L. T; ANDRADE, S. Princípios para o ensino de oralidade na Base Nacional Comum Curricular. **Revista X**, UFPR, v. 16, n. 6, p.1476-1492, 2021.
- BATISTA, A. A. G. A avaliação dos livros didáticos: para entender o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). In: ROJO, R.; BATISTA, A. (Orgs.). **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p.25-67
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BITTENCOURT, C. M. **Livros didáticos: concepções e uso**. Recife: Secretaria da Educação e Esporte de Pernambuco, 1997. (Coleção Qualidade do Ensino, Série: Formação do Professor).
- CARVALHO, Robson Santos de; FERRAREZI JR, Celso. **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.
- CASTILHO, A, T. **A língua falada no ensino de português**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- CAVALCANTE, M.C.B.; MELO, C.T.V. Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p.181-198.
- COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da. Variação/diversidade linguística, oralidade e letramento: discussões e propostas alternativas para o ensino de língua materna. **Anais do SIELP**, Uberlândia, EDUFU, v.2, nº.1, 2012.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. (trad. org. Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro). Campinas, Mercado de Letras, 2004, p. 149 - 185.
- FREITAS, Ernani Cesar. PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Resvale, 2013.
- GALEMBECK, P.T. O turno conversacional. In: Preti, D. (Org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1997.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MAGALHÃES, Tânia Guedes; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. Análise do eixo da oralidade do programa nacional do livro didático de língua portuguesa (anos 2005 a 2014) 6º ao 9º anos. In: MAGALHÃES, Tânia Guedes; REIS, Andreia Garcia;

FERREIRA, Helena. (Org.). **Concepção discursiva de linguagem: ensino e formação docente**. São Paulo: Pontes, 2017. p.61-84.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**. Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luís Antônio. A oralidade e o ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, Ângela, Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENDES, Adema das Neves Nunes Barros. **A linguagem oral nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental – 3º e 4º ciclos: algumas reflexões**. São Paulo: 2005.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga nas linguagens: Português*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2020, p.165-300.

RODRIGUES, Linduarte Pereira; DANTAS, Maria Aparecida Calado de Oliveira. Gêneros orais e ensino: entre o dito e o prescrito. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 28, n. 2, p.137-153, dez/2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, minha força, meu sustento diário, pois sem Ele jamais seria possível concluir mais uma etapa em minha vida. A Nossa Senhora Aparecida, por toda proteção.

Aos meus avós, Ivanildo Araújo e Inês Araújo, por todos ensinamentos e cuidado.

Aos meus pais, Leonardo Araújo e Maria do Socorro, por todo amor, incentivo e apoio. Vocês são minha base.

Aos meus irmãos, que estiveram sempre ao meu lado, vocês foram essenciais na minha formação, em especial, minha irmã Manuele Araújo, por ser luz e transbordar alegria na nossa família.

Ao meu noivo, Vinícios Albuquerque, por todo companheirismo e compreensão.

À minha querida orientadora, profa. Dra. Dalva Lobão, grande ser humano e profissional, por toda dedicação e preocupação com a construção deste trabalho. Agradeço também por ter me apresentado, da melhor forma possível, a disciplina de Oralidade no curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

Aos membros da banca examinadora, pela leitura e colaboração.

As minhas amigas de curso, por toda amizade, conselhos e ajuda.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho. Muito obrigada!